

Percepção de acadêmicos de Odontologia sobre o envelhecimento

Suzely Adas Saliba MOIMAZ^a, Cléa Adas Saliba GARBIN^a, Luiz Fernando LOLLI^a,
Ana Paula DOSSI^a, João Guilherme Rodrigues NAYME^a

^aDepartamento de Odontologia Infantil e Social, Faculdade de Odontologia,
UNESP – Univ Estadual Paulista, 16015-050 Araçatuba - SP, Brasil

Moimaz SAS, Garbin CAS, Lolli LF, Dossi AP, Nayme JGR. Perception of dental students about aging. Rev Odontol UNESP. 2010; 39(4): 227-231.

Resumo

A diversificação dos cenários de aprendizagem com posicionamento dos graduandos frente a frente com a realidade social, por meio da extensão universitária, representa uma estratégia para a formação de profissionais de Odontologia segundo propósito das diretrizes curriculares nacionais. Na Faculdade de Odontologia de Araçatuba (FOA-UNESP), uma das alternativas para a incorporação de acadêmicos nos cenários reais de práticas é o Projeto “Sempre Sorrindo – Atenção Odontológica a Idosos Institucionalizados de Araçatuba”. O objetivo desta pesquisa foi verificar a percepção de acadêmicos de Odontologia sobre o envelhecimento antes e após a participação por um ano letivo no referido projeto. Para a coleta dos dados, um questionário, contendo três questões abertas, foi elaborado e aplicado a 45 acadêmicos, no início e após oito meses de participação no projeto. As respostas foram analisadas por categorização de conteúdo. Os resultados demonstraram que a impressão sobre os idosos foi estereotipada em um indivíduo frágil, necessitado de ajuda, e que as expectativas dos alunos estavam altamente voltadas aos aspectos clínicos da atenção. Na avaliação pós-participação, foi nítida a diferença de compreensão da velhice, na medida em que os relatos expuseram a empatia gerada na relação. Além disso, os acadêmicos relataram ganho de conhecimentos com a convivência e notaram que a atenção à saúde envolve outros aspectos que vão além do universo biológico. Conclui-se que a inserção dos acadêmicos no projeto “Sempre Sorrindo” contribuiu para reflexão e aprendizado sobre o envelhecimento e sugere-se que práticas desta natureza sejam incorporadas nas instituições de ensino superior do país.

Palavras-chave: Idoso; atenção à saúde; saúde do idoso.

Abstract

The changes on learning space where Dentistry Students stay in front of social reality, by university extension, represent a strategy to form dentists according to Brazilian Curricular Directresses. In Araçatuba Dental School (FOA-UNESP), one of alternatives to add students on real locals of dentistry practices is the “Always Smiling Project – Dental Attention for institutionalized elderly in Araçatuba City, São Paulo State – Brazil”. The aim of this study was to verify the self-perception of dentistry students about aging before and after participation in this Project during one school year. To data collection, an instrument with 3 opened questions was performed and applied on 45 students, in the beginning of activities in 2009 and after 8 months. The answers were analyzed by content categorization. The results showed that the perception of students about old people was negative relating them with frail person that needs help and the students’ expectations were higher about clinical aspects of attention. In the end of school year was clear the difference of students’ comprehension about aging and their thoughts demonstrated the empathy resulting from relation. Besides, students related knowledge gain and noted that health attention involve others aspects that are over than biological space. It was possible to conclude that insertion of students in “Always Smiling” contributed to reflection and learn about aging process and suggest that practices like these should be added in Brazilian Universities.

Keywords: Aged; health care; health of the elderly.

INTRODUÇÃO

As reflexões sobre a formação profissional em saúde ocupam, na atualidade, posição de destaque nas estratégias governamentais. Nesse contexto, surgiram no início desta década as Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Odontologia. Este documento define o perfil requerido para Cirurgião-Dentista no Brasil, como sendo um profissional generalista, humanista, crítico e reflexivo, capaz de atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico¹. Para alcançar tais metas, uma das estratégias é a diversificação dos cenários de aprendizagem de modo a posicionar o aluno diante da realidade social que o mesmo encontrará no mercado de trabalho. Esta diversificação de cenários inclui, dentre outras, a extensão universitária. O Plano Nacional de Extensão define como extensão universitária:

“O processo educativo, cultural e científico que articula, amplia, desenvolve e realimenta o ensino e a pesquisa, estabelece a troca de saberes entre a sociedade e a universidade e tem como consequência a produção de conhecimento”.

Assim, tem-se que a extensão universitária propicia a reflexão e a ação em cenários da realidade nacional e regional, abrange o trabalho interdisciplinar e favorece a visão integrada do social, sendo indissociável do ensino e da pesquisa².

O projeto de extensão “Sempre Sorrindo – Atenção Odontológica a Idosos Institucionalizados do Município de Araçatuba” surgiu no ano de 1999 e representa atualmente uma alternativa que os acadêmicos da Faculdade de Odontologia de Araçatuba - Universidade Estadual Paulista (FOA-UNESP) possuem de conhecer, se relacionar, aprender, avaliar e cuidar de idosos, além de conviver e trocar informações e experiências com os cuidadores que atuam nas instituições. No projeto, são realizadas atividades de capacitação de profissionais em relação ao cuidado com a terceira idade, capacitação de graduandos para ações de promoção de saúde, educação em saúde, levantamentos epidemiológicos e atendimento clínico aos idosos³.

Considerando-se que a população acima dos 60 anos vem aumentando nas últimas décadas⁴, certamente esta será uma faixa etária com a qual o cirurgião-dentista se deparará muito frequentemente no seu dia a dia de atuação, fato este que traz ao profissional contemporâneo o desafio de bem conhecer o idoso⁵.

Segundo Turato⁶ (2005), no processo formativo é preciso considerar, além de outras, a avaliação subjetiva dos saberes. A avaliação subjetiva tem sua importância fundamentada no fato de expor os significados, significações, ressignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, vivências, experiências de vida e analogias consideradas pelos sujeitos da análise. Assim, a pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda e seu foco é centrado no específico, no peculiar, permitindo extrair dos sujeitos sua visão própria sobre um determinado processo⁷.

O objetivo deste trabalho foi verificar a percepção de acadêmicos de Odontologia da FOA-UNESP sobre o envelhecimento, antes e após a participação, por um ano letivo, no Projeto de Extensão “Sempre Sorrindo”.

MATERIAL E MÉTODO

Foram realizados dois estudos transversais subsequentes, de natureza qualitativa, com acadêmicos de Odontologia da FOA-UNESP.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da FOA-UNESP, recebendo o parecer favorável, sob n.º 2002/01596.

Na fase de seleção, 45 acadêmicos do segundo, terceiro e quarto anos do curso de graduação em Odontologia, pertencentes à faixa etária de 19 a 25 anos, que se dispuseram a atuar no projeto de extensão “Sempre Sorrindo”, foram convidados a participar da presente pesquisa. Dentre estes, 14 consentiram a participação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados ocorreu em dois momentos distintos, sendo o momento 1 correspondente ao início do período letivo e o momento 2, ao término deste período letivo, no ano de 2009. Os acadêmicos participantes foram inicialmente reunidos em uma sala e responderam livremente a um formulário (Quadro 1), contendo tópicos relacionados à percepção sobre envelhecimento.

Durante o ano, os acadêmicos conviveram com idosos asilados por meio de uma visita semanal às instituições. As atividades desenvolvidas na instituição foram: ações lúdicas para educação em saúde bucal e orientação e supervisão de higiene bucal. Os alunos participaram de oficinas e aulas expositivas para capacitação nos temas – Fisiologia do Envelhecimento, Envelhecimento Saudável, Alterações Bucais do Envelhecimento e Legislação do Idoso, como também de promoção e prevenção de saúde, principalmente em relação aos problemas bucais. Além disso, uma vez na semana, participaram de atendimentos clínicos aos idosos, realizados no Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva (Nepesco) da FOA-UNESP. Ao final do período letivo, estes acadêmicos foram novamente reagrupados e responderam livremente a um formulário complementar (Quadro 2).

Os dados produzidos pelas respostas fornecidas, antes e após a participação no projeto, foram analisados por meio da técnica de categorização de conteúdo proposta por Bardin⁸ (1979), por um único pesquisador capacitado, de acordo com as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

RESULTADO

Na categorização dos relatos do momento 1, considerando a indagação “Quando vejo um idoso sinto...”, os acadêmicos expressaram na maioria das vezes a necessidade de prover ajuda, colocando o idoso sempre na condição de sujeito passivo e necessitado de auxílio, incapaz de realizar tarefas, excluídos pela sociedade e dependentes da boa vontade alheia. Certificam tais resultados as falas:

“Vontade de ajudar, compaixão e medo de envelhecer” / “Sinto que a vida é passageira e que quando chegamos na velhice nos tornamos pessoas frágeis e extremamente necessitadas de ajuda do outro” / “Sinto a tristeza em seu olhar e o grande descaso da população para com essa classe”.

Quadro 1. Instrumento aplicado a acadêmicos do curso de Odontologia da FOA-UNESP antes da participação no projeto de extensão universitária “Sempre Sorrindo – Atenção Odontológica a Idosos Institucionalizados”, 2009

1	Quando vejo um idoso sinto...
2	Quando convivo com um idoso sinto...
3	Quais suas expectativas em relação ao Projeto?

Quadro 2. Instrumento aplicado a acadêmicos do curso de Odontologia da FOA-UNESP após a participação por um ano no projeto de extensão universitária “Sempre Sorrindo – Atenção Odontológica a Idosos Institucionalizados”, 2009

1	Quando vejo um idoso sinto...
2	Quando convivo com um idoso sinto...
3	Considerando sua expectativa inicial, houve algum aprendizado pela participação no projeto “Sempre Sorrindo”? Se houve, em que aspecto isso ocorreu?

Na questão “Quando convivo com o idoso sinto...”, os relatos destacam a necessidade de ouvir o idoso e começam a considerar um lado positivo de convivência com pessoas de idade mais avançada, principalmente em se tratando do aprendizado que os mais jovens podem adquirir. Contudo, destacaram também que para uma boa convivência deve haver muita paciência com os idosos:

“É difícil muitas vezes compreender seus limites e necessidade, mas tento ser o mais paciente possível” / “A necessidade de ouvi-la, por ser uma pessoa com mais vivência, mais experiência” / “Sinto que o que eles mais precisam é de um ouvinte, e dá aquela vontade de resolver todos os seus problemas” / “Eles possuem experiência de vida maior que a minha, precisamos respeitar o próximo”.

Quando questionados sobre as expectativas em relação à participação no Projeto “Sempre Sorrindo”, destacaram prioritariamente o aspecto de ajudar com reabilitação clínica o paciente idoso:

“Penso que o Projeto irá me ajudar na relação profissional/paciente idoso, além de entendimento de matérias de prótese e oportunidade de ajudar uma pessoa idosa” / “É aumentar minha vivência clínica nessa especialidade, além de praticar minha responsabilidade social” / “As expectativas são de fazer uma boa reabilitação desse paciente, tornando a vida desse paciente melhor, deixando-o com autoestima elevada e recolocando este paciente num convívio social sem se sentir inferior ou envergonhado” / “Reverter todo esse conceito de rejeição da população frente ao idoso, trazendo a eles uma melhor perspectiva e alegria”.

Quando analisadas as respostas dadas no momento 2, observou-se que, para as duas primeiras indagações, os acadêmicos fizeram relatos mais incisivos da alegria, da satisfação, e destacaram uma multiplicidade de sentimentos que tiveram convivendo com os idosos.

“Sinto felicidade pura” / “Quanto simples um gesto pode ser para deixar alguém feliz?!...” / “Sinto carinho, dedicação, compaixão, respeito, admiração, amor, felicidade, vontade de fazê-lo se sentir amado e feliz”.

Mencionaram, a exemplo dos relatos anteriores, o aprendizado e a autorreflexão que tal convívio proporcionou.

“Sinto que podem me ensinar muito sobre a vida e que posso de alguma maneira levar alegria para eles” / “Sinto o quanto desvalorizamos o ser humano, o quanto somos mesquinhos em pensar que somos bons ou melhores que os idosos...” / “Sinto vontade de conversar, tratando com carinho, perguntando se está tudo bem, e ajudar aqueles que precisam”.

Entretanto, os relatos demonstram empatia, sentimento não observado anteriormente:

“Às vezes, eu me coloco no lugar deles, assim percebo o quanto é difícil o dia-dia deles como andar, enxergar” / “Não me sinto sozinho, me sinto sempre bem acompanhado, me sinto bem principalmente quando ajudo o idoso que precisa”.

Ao responderem sobre um possível aprendizado pela participação no projeto, algumas expectativas foram supridas; porém, os alunos deixaram claro que o maior benefício que tiveram não tinha relação com a expectativa inicial que possuíam:

“Aprendi que na vida é com carinho e dedicação que conseguimos aquilo que desejamos, pois com o decorrer das visitas fomos conseguindo com que todos os idosos participassem conosco”.

Destacaram também um benefício do ponto de vista tecnobiológico operacional, o que pode ser notado pelas falas:

“Sim, aprendi no aspecto de higienização de próteses e no aspecto de como tratar um idoso” / “Sobre o aspecto acadêmico, aprendi a supervisionar a higienização, as características clínicas da boca de pessoas mais velhas, etc”.

Os relatos demonstraram também a percepção dos alunos sobre as expectativas dos idosos ao receber os acadêmicos e puderam compreender que muitas vezes a expectativa própria se torna secundária frente a outras situações que surgem na convivência, fato que auxilia na reflexão/reavaliação dos valores humanos:

“Com o projeto aprendi a respeitar e cooperar com os idosos para que eles possam superar suas limitações, aprendi a ouvir, a ter mais paciência” / “Aprendi que eles podem nos ensinar muito mais que imaginamos, aprendi que não é apenas saúde que eles desejam, mas desejam amor, carinho, respeito, desejam ser ouvidos e compreendidos” / “No começo não tinha muita paixão com os idosos e após o projeto vejo que eles são muito carentes e que precisam de nossa atenção” / “Estar lá toda semana e ver o sorriso dos idosos quando chegávamos, me ensinou muitas coisas com certeza”.

Outro fato a se destacar foi que a convivência rotineira no projeto permitiu refletir até mesmo sobre a convivência familiar e reparar possíveis falhas existentes;

“Uma coisa aconteceu comigo mesmo, em minha família. Eu não ligava para os meus avós, achava desnecessário visitá-los, reclamava com meus pais quando ia. Fazendo o projeto vi o quanto importante eles são, e hoje amo ir a casa deles. Meu avô até teve depressão por sentir-se só, e hoje não tem mais. Ligo mesmo daqui para falar com eles. E quando estou na minha cidade vou vê-los. Me sinto muito mais feliz por ter aprendido que os amo. Ouvi do meu avô: ‘Obrigado por lembrar de mim’ (com apenas uma ligação). Coisas simples para nós, são muita coisa para eles. Me tornei mais humana!”

DISCUSSÃO

No momento 1 deste trabalho, as respostas dos participantes relataram claramente uma visão externa, estereotipada e de pouca convivência com o idoso. Porém, no momento 2, surgiram relatos mais enfáticos acerca do envelhecimento e das vantagens de se conviver com o idoso. A convivência proporcionou aos alunos o desenvolvimento de uma visão mais crítica, fundamentada e humanizada sobre o envelhecimento, na medida em que os relatos começaram a considerar a “empatia” das relações.

Entender o relacionamento e o convívio entre gerações é fundamental para promover discussões e questionamentos sobre padrões pré-estabelecidos socialmente, compreender o comportamento das pessoas – como elas pensam e por que agem desta ou daquela forma – e assim refletir sobre atitudes, comportamentos e, principalmente, tentar rever em conjunto as crenças e os valores referentes ao envelhecimento^{9,10}. Os autores Krout, Wasyliv¹¹ (2002) sugerem que o caminho para a quebra de preconceitos em relação à velhice é o da educação, através do contato e da convivência entre as gerações.

Na presente pesquisa, os acadêmicos forneceram padrões de respostas diferentes antes e após a participação no projeto de extensão com idosos, demonstrando que em função do contato mais próximo com a realidade, houve reflexão e diferente compreensão do processo de envelhecimento¹². Os autores Moimaz et al.¹³ (2004) já haviam destacado a importância de atividades de extensão e do serviço odontológico extramuro na formação dos profissionais de Odontologia. Com a inserção dos idosos no ambiente acadêmico e de acadêmicos nas instituições asilares, cria-se um espaço intergeracional de troca de saberes. Os idosos buscam respostas diferentes para o seu envelhecimento¹². O aluno da graduação, no lugar também de aprendiz, tem tanto a oportunidade do convívio com os idosos como também de passar por situações que farão parte da futura prática profissional. É nesse encontro de diversas faixas etárias e de diferentes interesses educacionais e profissionais que ocorre um profundo processo de coeducação⁹.

O relato do idoso no momento 2 da análise demonstrou que os alunos notaram um sujeito mais ativo, não tão dependente e que muitas vezes a idade não diz tudo. De fato, tentar definir velhice usando apenas a visão biológica é cair em um erro de demarcação meramente cronológica, tratando-se a população idosa de forma homogênea, não levando em consideração as especificidades do envelhecer num processo que abrange dimensões biológicas, políticas, psicológicas, econômicas, culturais e sociais¹⁴.

Em dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Koch¹⁵ (2006) considerou mediano o conhecimento de graduandos de Odontologia sobre o envelhecimento e sugeriu a incorporação/aprofundamento desse tema nos cursos de graduação do país. Medeiros et al.¹⁶ (2008), analisando a percepção de acadêmicos de Enfermagem sobre o envelhecimento, concluíram que existe a necessidade de formação complementar para lidar com os idosos, tendo em vista que estes possuem necessidades físicas, psíquicas e sociais que extrapolam o modelo biomédico ainda prevalente na formação dos profissionais de saúde. Os mesmos autores destacam ainda a defasagem de conteúdos relacionados à geriatria nos currículos de Enfermagem do país. De fato, Montanholi et al.¹⁷ (2006) ressaltam que a escassez de conhecimento gerontogeriatrico dos profissionais da saúde, a ausência de sintonia da maioria das instituições de ensino superior brasileiras com o atual processo de transição demográfica e suas consequências medicossociais, a falta de campos específicos para a prática, além da inexperiência do corpo docente, são algumas das limitações presentes nos cursos de graduação da área da saúde.

CONCLUSÃO

A percepção dos acadêmicos de Odontologia sobre o envelhecimento se alterou durante o período de participação no Projeto “Sempre Sorrindo”, demonstrando que houve um aprendizado resultante da convivência com os idosos. Sugere-se que ações extensionistas desta natureza sejam incorporadas nas instituições de ensino superior em saúde.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em odontologia [citado em 2010 Abr 10]. Disponível em: http://www.redeunida.org.br/diretrizes/dors/odontologia-Resolucao_0302.pdf
2. Ponte CIRV, Torres MAR, Machado CLB, Manfroi WC. A extensão universitária na Famed/UFRGS: cenário de formação profissional. Rev Bras Educ Med [Online]. 2009; 33:527-34. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000400003&lng=en&nrm=iso. doi: 10.1590/S0100-55022009000400003
3. Moimaz SAS, Almeida MEL, Saliba NA, Garbin CAS. Programa sempre sorrindo: uma visão além da boca. Rev Fac Odontol Lins. 2003; 15: 37-42.
4. Araújo PF, Silva EFA, Silva DD, Sousa MLR. Quality of life of adults and elderly individuals who search the Piracicaba dentistry school service for total dental prostheses. Rev Odontol UNESP. 2008; 37: 109-16.
5. Moimaz SAS, Garbin CAS, Saliba NA, Lolli LF. O idoso no Brasil-Aspectos legislativos de relevância para profissionais de saúde. EspaçoSaúde [Online]. 2009; 10: 61-69 [citado em 2010 Abr 15]. Disponível em: <http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude/v10n2/index.htm>
6. Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev Saúde Pública. 2005; 39: 507-14.

7. Nogueira-Martins MCF, Bogus CM. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saude Soc* [Online]. 2004;13:44-57 [citado em 2010 Abr 15]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300006&lng=pt&nrm=iso. doi: 10.1590/S0104-12902004000300006
8. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70; 1979.
9. Cachioni M, Aguilar LE. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. *Rev Kairós*. 2008; 11: 79-104.
10. Saliba NA, Moimaz SAS, Moraes JÁ, Prado RL. Perfil de cuidadores de idosos e percepção sobre saúde bucal. *Interface Comun Saúde Educ*. 2007; 11: 39-50.
11. Krout JA, Wasyliw Z. Infusing gerontology into grades 7-12 social studies curricula. *Gerontologist*. 2002; 42: 387-91.
12. Moimaz SAS, Almeida MEL, Lolli LF, Garbin CAS, Saliba NA. Envelhecimento: análise de dimensões relacionadas à percepção dos idosos. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2009; 12: 361-75.
13. Moimaz SAS, Saliba NA, Garbin CAS, Zina LG, Furtado JF, Amorim JA. Serviço extramuro odontológico: impacto na formação profissional. *Pesq Bras Odontoped Clin Integr*. 2004; 4: 53-7.
14. Jardim VCFS, Medeiros BF, Brito AM. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2006; 9(2). Disponível em: http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232006000200003&lng=pt&nrm=iso
15. Koch HR. Nível de informação sobre o envelhecimento humano entre os acadêmicos do último ano dos cursos de Odontologia de Curitiba [dissertação mestrado]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; 2006.
16. Medeiros FAL, Araújo DV, Barbosa LNS. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre cuidar de idosos. *Cogitare Enferm*. 2008; 13: 535-41.
17. Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR, Simões ALA. Ensino sobre idoso e gerontologia: visão do discente de enfermagem no estado de Minas Gerais. *Texto & Contexto Enferm*. 2006; 15: 663-71.

AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA

João Guilherme Rodrigues Nayme
Departamento de Odontologia Infantil e Social, Faculdade de Odontologia,
UNESP – Univ Estadual Paulista, 16015-050 Araçatuba - SP, Brasil
e-mail: joao.nayme@bol.com.br

Recebido: 07/07/2010

Aceito: 31/08/2010